

KIRSTEN HERLØV BALONYI FOLLMAN¹

(Aarhus, Dinamarca, 1931; Mairiporã/SP, Brasil, 2017)



Kirsten Herløv, 1953.
Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Kirsten Herløv Balonyi Follmann a Maria Luiza Tucci Carneiro, Rachel Mizrahi e Lilian Ferreira de Souza. S. Paulo, 8 de agosto de 2011. Transcrição: Samara Konno. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisa: Blima Lorber. Iconografia: Nanci Souza, Samara Konno e Rebeca Moura. Revisão: Eugenio Viktor Follmann.

Minha infância na Dinamarca

Meu nome é Kirsten Herløv Balonyi Follmann. Nasci em 25 de setembro de 1931, em Aarhus, a segunda cidade mais importante da Dinamarca. Ainda guardo comigo um desenho da antiga residência da família Herløv em Aarhus, de autoria do meu avô, o engenheiro Peter Henrik Herløv, cujo original está sob a guarda de um museu da cidade. Meus pais são Marie e August Osvald Herløv e meu irmão, Ule Herløv, que é três anos e meio mais velho que eu. Meu pai, nascido em 1896, era responsável por uma agência marítima. Durante a madrugada, ele controlava a entrada e saída de navios da baía. Ele chegou a negociar minérios de cobre no Chile e passou dois anos no Congo.



Aarhus, cidade natal de Kirsten Herløv Balonyi Follmann.
Google Maps.

Entre 1925 e 1934, meus pais viveram na Polónia, portanto antes da Segunda Guerra Mundial, porque papai foi contratado pela *Polish Ocean Line*, uma companhia de engenharia, para estudar um espaço apropriado para a entrada de navios de maior porte, de luxo, no porto de Danzig (Polónia). Desse porto saíam os navios de passageiros em direção a Nova York, nos Estados Unidos da América. Quando estávamos para voltar para a nossa casa na

Kirsten Herløv Balonyi Follmann

Dinamarca, ofereceram ao meu pai o cargo de diretor da companhia, mediante a aceitação dele assumir a cidadania polonesa. Meu pai recusou, pois não queria deixar de ser dinamarquês.

Em 1931, minha mãe, grávida, já havia retornado à Dinamarca, onde nasci em 25 de setembro daquele mesmo ano. Eles sempre passavam as férias na Dinamarca e por isso nasci lá. E, a partir de 1935, mudamos eu, meu irmão e os meus pais definitivamente para Aarhus. Os meus pais eram luteranos e tinham muitos amigos judeus e não judeus.



Marie Heller Loft e August Osvald Herløv, pais de Kirsten Herløv Balonyi Follmann.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Herløv Balonyi/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A Dinamarca sob o domínio alemão

Eu era ainda uma menina de 9 anos quando presenciei, juntamente com meu irmão Ule, a invasão dos nazistas na nossa cidade em 9 de abril de 1940. A invasão foi pelo

Vozes do Holocausto

sul, terra fronteira com a Alemanha. O ataque alemão à Dinamarca foi um susto muito grande. Absolutamente isso não era esperado, pois o país se declarara neutro na guerra. Após a invasão, ficou claro que os dinamarqueses detestavam os alemães, que haviam tomado suas terras, além de não compreenderem suas discriminações contra os judeus, considerados pelos dinamarqueses como cidadãos e compatriotas. Não estávamos preparados para a guerra, tanto que nossas armas e uniformes eram da Primeira Guerra Mundial. Não tínhamos condições de resistir. Sob o domínio alemão, vivemos com dificuldades. Nada se podia comprar sem os vales liberados pelas autoridades nazistas.^A



Tropas alemãs desfilam pelas ruas de Copenhague (Dinamarca) para celebrar o aniversário de Hitler, em 20 de abril de 1940. Fotografia não identificado. Disponível em: <<http://hid0141.blogspot.com/2017/07/a-invasao-alema-da-europa-ocidental-e.html>. Acesso em: 3 set. 2018.>

A-A invasão às nações neutras da Dinamarca e da Noruega pelo Exército alemão em 1940 ficou conhecida como *Operação Weserübung*. O nome da operação significa “Exercício na Weser”, sendo este o nome de um rio alemão. Planejada pelo general alemão Nikolaus von Falkenhorst, que atendeu ao pedido de Hitler, a invasão ocorreu às 4h15 da madrugada, na “Hora Weser” ou “Dia Weser” de 9 de abril de 1940, marco da invasão da Alemanha aos territórios da Dinamarca e da Noruega, supostamente para protegê-las de um possível ataque da França e Inglaterra. A Dinamarca resistiu algumas horas à ofensiva alemã, tendo morrido dezesseis soldados dinamarqueses e 203 alemães. A resistência norueguesa durou mais tempo, tendo inicialmente os noruegueses afundado o cruzador *Blücher*. Neste tempo, a família real conseguiu fugir para Inglaterra, enquanto Narvik resistiu com a ajuda de britânicos, franceses e poloneses.

Resistência ao nazismo

As notícias sobre o conflito eram acompanhadas por meus pais, que costumavam ouvir, às escondidas, a BBC de Londres, pois os meios de comunicação foram tomados

Kirsten Herløv Balonyi Follmann

pelos nazistas. Meu pai, desde o início, juntou-se aos amigos do Clube de Esportes e, assim, organizaram um grupo de resistência aos nazistas. O escritório de meu pai, localizado na sede da agência marítima que ficava junto ao cais do porto em Aarhus, servia como local de encontro e ali eles dispunham de toda a aparelhagem para o trabalho clandestino e de espionagem sobre a ação dos alemães no local. Meu irmão ajudava-o com a distribuição de folhetos, impressos no escritório que dispunha de máquinas para este trabalho [mimeógrafos]. Esses impressos informavam sobre as ações dos alemães na Dinamarca e também transcreviam notícias que eram captadas pelo rádio, através da BBC de Londres.



Kirsten Herløv e seu irmão Ule no porto da cidade de Aarhus, próximo ao escritório de seu pai August Oswald Herløv. Aarhus, Dinamarca, 1943.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Herløv Balonyi/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Infelizmente, não me recordo dos nomes desses amigos do meu pai. Nós não sabíamos que era um grupo de oposição aos nazistas. Muitas vezes, no domingo, costumávamos passear de bicicleta, pois morávamos pertinho da floresta em Aarhus. Íamos em duas ou três famílias, com as crianças, todo mundo de bicicleta. E nessa floresta estava presente a força alemã, que construiu uns *bunkers* e montou uma estação de rádio. Como o meu pai e os amigos dele conheciam cada galho daquela floresta – e as florestas de lá não são tão densas como as daqui – então eles espionavam, sem chegar muito perto porque era proibido, mas de longe o meu pai e seus amigos podiam ver a movimentação da força alemã.

Atos de resistência ao nazismo

Eu não distinguia a origem religiosa dos meus amigos, colegas de escola. Todos eram dinamarqueses, judeus e não judeus. Somente começamos a perceber essas diferenças com as ordens expressas dos nazistas. O uso da estrela amarela no dia marcado surpreendeu os alemães que esperavam ver apenas os judeus com essa ensígnia. Todos, a começar pelo rei Christian X, usavam a estrela costurada na roupa, recomendada para distinguir os “arianos” da “raça” judaica, dita inferior. Isto aconteceu em Copenhague. Foi o protesto dos dinamarqueses contra o antissemitismo imposto pelos alemães, tendo o rei como exemplo.^A

Lembro-me de ter ido às aulas em diferentes escolas e em diferentes horários. Uma das escolas onde estudei foi transformada em hospital, mas isso aconteceu mais adiante. Brincava com minhas amigas, judias e não judias, e não me importava com as suas opções religiosas. Mas, pouco a pouco,

A-O rei Christian X tornou-se o símbolo da resistência antinazista na Dinamarca, assim como do sentimento nacionalista no país ocupado pelo Exército alemão em 1940. Após a ocupação nazista, ele assumiu o hábito andar a cavalo pelas ruas de Copenhague sem a companhia dos seus guardas. Tornou-se personagem da lenda – repetida aqui nesta entrevista – que diz que, durante a ocupação, ele usou a estrela de David amarela costurada em sua roupa como gesto de solidariedade para com os judeus da Dinamarca. Esta narrativa, possivelmente, surgiu de um relatório britânico de 1942, onde o rei teria ameaçado usar a estrela se os judeus do seu país fossem obrigados a usar esta marca.

Kirsten Herløv Balonyi Follmann

minhas amigas judias foram desaparecendo, e eu não sabia por que motivo. Em pouco tempo, muitas delas foram “viajar”, desaparecendo. O caminho mais fácil era a Suécia, que era um país neutro. Depois, vim a saber que elas simplesmente passaram a ser escondidas em fazendas, o que expressava, mais uma vez, a solidariedade do povo dinamarquês para com os judeus perseguidos pelos nazistas.

O salvamento de judeus na Dinamarca

Como a Suécia havia se declarado neutra na guerra, os barcos dinamarqueses passaram a transferir, clandestinamente, sua população de origem judaica para aquele país. Copenhague fica muito perto da costa de onde nós avistávamos a Suécia. Essa ação não era muito fácil, mas era rápida e foi acionada pelas frentes de resistência local. Sabemos que o diretor e os professores da nossa escola planejavam e executavam essas viagens, mostrando-se como um grupo bem organizado. Eles fiscalizavam o horário de entrada dos navios alemães (sempre pontuais) e nos intervalos providenciavam a passagem em direção à Suécia.



Desenho feito por Peter Henrik Herløv, avô de Kirsten Herløv Balonyi Follmann, em Aarhus, Dinamarca, s.d.

Acervo: Herløv Balonyi/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto

Aage Berthelsen, um dos professores que colaborava com esta ação de salvamento, chegou a ser reitor em 1947, sendo essa a escola mais antiga de Aarhus, com cerca de 800 anos: a *Cathedral School*. Todo mundo sabia disso e procuravam-no para esconder as pessoas que estavam em perigo. Os dinamarqueses já tinham adquirido raiva dos alemães, e o sentimento de injustiça levou alguns anos para passar. Após a guerra, o reitor Berthelsen foi homenageado em Israel, onde se tornou “cidadão honorário”.

O grupo de oposição aos nazistas, no caso uma frente de resistência, era bem estruturado. Escondiam as pessoas, razão pela qual nós sabíamos que todos os nossos amigos judeus “desapareceriam”. Na minha cidade foi construído um campo de concentração, onde meu pai ficou logo após ter sido preso pelos nazistas em agosto de 1944, pois descobriram que ele participava daquele grupo de resistência. Vários de seus colegas também foram presos.

Meu pai, por falar várias línguas, era muito visado. Ele foi procurado e preso pelos nazistas logo pela manhã. Eu presenciei esse dia que o levaram embora. Era cedo e ouvi vozes. Eu dormia em um quarto ao lado da sala. Entraram três soldados alemães, que abriram e examinaram a casa toda. Eu sabia onde havia papéis que eles não podiam encontrar. De um lado, eram jornais que relatavam o que acontecia na guerra, que eles produziam, imprimiam e distribuía. Havia certo estoque na gaveta de uma cômoda. Eles mexeram em tudo, mas eu fiquei ao lado da cômoda, porque eu pensei que se alguém começasse a mexer, eu poderia desmaiar, fingir ou fazer alguma coisa. Isso foi na sala de jantar. E minha mãe, que falava fluentemente alemão, disse:

— Eu suponho que meu marido não vá receber nada para comer quando ele for embora com vocês, então eu vou fazer um *breakfast* para ele!

De uma maneira bem agressiva, ela foi fazer um mingau de aveia, pois assim era o que nós comíamos todos os dias. Então, ela perguntou:

— Tem mais alguém que quer mingau de aveia?

Um dos oficiais torceu o nariz e exclamou:

— Mingau de aveia?!!!

— Eu acho que uma boa porção dos seus compatriotas estaria muito feliz em ter um prato de aveia – respondeu minha mãe.

Foram esses três soldados que levaram embora o meu pai. Os outros amigos do grupo dele também foram presos, e daí ficávamos sabendo notícias pelas esposas dos outros presos. Neste dia em que o meu pai foi preso, o diretor do banco conversou com minha mãe, colocando recursos à nossa disposição, caso precisássemos. Meu pai depois pagou esse empréstimo. Se não fosse isso, teria sido muito difícil. A população dinamarquesa era solidária com os que haviam sido presos. Minha escola foi transformada em hospital. Muitas crianças, mais de cinquenta, foram hospitalizadas, inclusive uma amiga querida que também se chamava Kirsten. Ela ficou muito fraca e esteve por três semanas no hospital.

Naquele mesmo dia, vários dinamarqueses foram presos e enviados ao campo de internamento [Frøslevlejren], hoje transformado em museu, o Frøslev. De lá, vários prisioneiros foram levados à Alemanha. A maioria dos judeus dinamarqueses não foi encaminhada para este campo, pois, felizmente, desde o início da invasão nazista tinha sido levada, clandestinamente, para a Suécia. Somente após o final da guerra é que esta informação foi divulgada.

Em liberdade após a guerra

Meu pai foi libertado, provavelmente, em meados de março de 1945, porque ainda era inverno. Durante o período em que esteve na prisão, nada contou sobre os seus companheiros, nem o que se passou por lá. Eu deduzo que tenha sido uma experiência muito difícil para ele. Como eu havia quebrado a perna, fiquei hospitalizada. Lembro que meu pai foi me visitar na enfermaria às três horas da manhã. Ele havia pedido à enfermeira para que não me contasse nada: tive uma grande alegria ao vê-lo. Ele foi para o interior de bicicleta até a fazenda de meu tio Jems, cunhado dele. Esse cunhado tinha uma fazenda de gado, loja e padaria, e lá foi um bom esconderijo para o meu pai. Em 5 de maio terminou a guerra, eu não sei se ele ficou só lá, daí ele voltou para casa. Eu fiquei na nossa casa com minha mãe.

Quando a Alemanha capitulou, em 1945, eu e minha amiga fomos correndo ao centro da cidade, perto da estação de trem que havia sido ocupada pelos nazistas. Até então, não se podia chegar àquele lugar. Vimos a população queimar as bandeiras nazistas erguidas nos edifícios tomados por eles que, rendidos, colocaram suas armas no chão. Na praça, dois grupos

Vozes do Holocausto

começaram a cantar canções populares dinamarquesas. Nada foi organizado, foi uma manifestação espontânea. Lembro-me de que uma dessas músicas era o Hino Nacional da Dinamarca, que entoamos com muita emoção, além de outras canções cantadas pelos escoteiros. Eu praticava o escotismo desde os 9 anos de idade e os ensinamentos desse hino fazem parte da minha identidade. Até hoje me recordo do Hino dos Escoteiros.^A



A-Kirsten foi escoteira na Dinamarca e seu boné é hoje um objeto-símbolo da resistência do povo dinamarquês. O Hino dos Escoteiros, cantado por Kirsten e por tantos outros jovens escoteiros dinamarqueses nos desfiles e acampamentos, dá conta desse comportamento humano exemplar assumido pelo povo daquele país que, em bloco, negou-se a atender a ordem dos nazistas que exigia a identificação dos judeus pela faixa amarela no braço com a estrela de Davíd. A reação do povo tornou-se histórica quando todos passaram a usar orgulhosamente essa identificação, inclusive o rei Christian X.

Kirsten, com cerca de 14 anos, ostentando com alegria seu chapéu de escoteira. S.l., 1946.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Família; Arqshoah/Leer-USP.

I would be true

(Eu serei autêntico)

Eu serei autêntico porque tem quem confia em mim;
Eu serei puro porque tem quem se preocupe por mim;
Eu serei forte porque existe muito para sofrer;
Eu serei amigo de todos – os esquecidos, sem amigos;
Eu estarei presenteando e esquecendo o presente;
Eu serei humilde porque conheço as minhas fraquezas;
Eu irei em frente, rir, amarei e construirei;
Eu confiarei em cada momento vivido;
Eu estarei constantemente unido a Deus;
Eu serei forte para seguir o destino que Ele me traçar;
Eu terei fé para me manter na Sua rota, etc. [...].

Fragmento gentilmente traduzido por Eugenio Viktor Follmann, 2017.

Na manhã seguinte, iríamos esperar os Aliados, às 13 horas, no centro da cidade. Vinham do sul. À noite, minha amiga sentiu-se mal e nos despedimos. Ela estava febril e eu também não estava bem. As cortinas do meu quarto, que davam para a rua, foram abertas, retiradas e incendiadas, pois durante o período da guerra permaneceram fechadas. Lembro-me de ter visto, do meu quarto, as chamas que vinham das ruas e tudo iluminavam... Quando acordei, me senti ameaçada. Vomitava muito e minha mãe foi à procura de um médico, que pediu a minha internação em um hospital. Uma ambulância veio me buscar. Lembro-me de que muitas crianças ficaram doentes. Minha amiga não resistiu e faleceu. Esta foi a minha grande tristeza. Fiquei muito consternada.

As notícias do extermínio dos judeus pelos nazistas começaram a chegar logo após a capitulação da Alemanha. E só a partir daí é que entendi porque minhas amigas judias tinham ido viajar. Na realidade, haviam sido encaminhadas à Suécia, salvas pelos grupos de resistência. Dentre as famílias das minhas amigas judias, lembro-me

dos Melchior. A filha deles, assim como eu, era escoteira. Moravam em Copenhague. Uma vez, fiquei hospedada na casa deles por alguns dias. Não tivemos mais notícias dessa família.

O Brasil como destino

Já adulta, participei do movimento antroposófico de Rudolf Steiner e me envolvi com a sua filosofia, pois identificava-me com suas propostas sociais e intervencionistas.^A Em Järna (Suécia), a 60 quilômetros de Estocolmo, existia uma escola para crianças excepcionais, mundialmente conhecida, onde trabalhei. Anos depois, em fevereiro de 1953, vim para o Brasil, por indicação médica. Eu tinha um problema circulatório e fui aconselhada por um médico a procurar um país tropical para me curar. Entrei com um visto de trabalho para dois anos. Meu contato no Brasil foi com Botil Binnie, uma dinamarquesa casada com Eric Binnie e que

A-Rudolf Steiner nasceu em Kraljevec, na fronteira austro-húngara, em 27 de fevereiro de 1861 e faleceu em Dornach em 30 de março de 1925. Filósofo, educador, artista e esoterista, foi o fundador da antroposofia, da pedagogia Waldorf, da agricultura biodinâmica, da medicina antroposófica e da eurtmia, esta última criada com a colaboração de sua esposa, Marie Steiner-von Sivers. Defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Rostock sobre a teoria do conhecimento de Fichte e, a partir de 1883, dedicou-se a estudar as obras de Goethe, escrevendo numerosas obras sobre ele e dedicando-se à explicação do pensamento do autor alemão. Ao mesmo tempo, escrevia sobre assuntos filosóficos. Viveu em Berlim, onde atuou como escritor e conferencista, desenvolvendo a ciência espiritual antroposófica. Entre 1902 e 1912 foi líder da Sociedade Teosófica na Alemanha, mas rompeu por não darem um lugar especial a Jesus Cristo e ao Cristianismo. Foi quando fundou a Sociedade Antroposófica, denominada Goetheanum, cuja sede foi destruída por um incêndio em 1922. Steiner, entre outros trabalhos, dedicou-se aos campos da organização social, arquitetura, medicina, pedagogia, farmacologia e no tratamento de crianças com a Síndrome de Down, no contexto da pedagogia curativa.



Ficha consular de qualificação de Kirsten Herløv com visto liberado pela Legação do Brasil em Copenhague, 23 de fevereiro de 1953. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Kirsten Herløv Balonyi Follmann

morava no Rio de Janeiro. Sua família vivia em Porto Alegre, sendo o pai dinamarquês e a mãe gaúcha. Botil falava várias línguas, e tinha um filho pequeno. Para conseguir trabalhar precisava ter alguém em casa para cuidar do filho.

Depois fui trabalhar em uma escola que adotara a filosofia de Rudolf Steiner e, alguns anos depois, casei-me com Ivan Balonyi, doze anos mais velho que eu, no Rio de Janeiro. Ele era húngaro, de Budapeste, e havia sido oficial do exército. Durante a guerra, ele foi enviado à Rússia e voltou depois a pé ao seu país. Meus sogros chegaram em 1955, depois de terem perdido tudo na Hungria. Ivan faleceu em 1987. Nossa filha Astrid, que hoje mora aqui em S. Paulo, nasceu em 1959. Meu segundo casamento foi com Eugenio Viktor Follmann e hoje residimos em Mairiporã, onde criamos uma associação para ajudar a comunidade local a viver com dignidade do seu próprio trabalho.

Essa é a nossa história!



Nicolas e Astrid, filhos de Kirsten Herløv Balonyi Follmann.

S. Paulo, Brasil, c 1960. Fotógrafo: Hejo.
Acervo: Herløv Balonyi/SP;
Arqshoah/Leer-USP.



Kirsten Herløv Balonyi Follmann durante entrevista concedida à equipe Arqshoah. S. Paulo, 8.8.2011.
Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

O legado de Kirsten Herløv Balonyi Follmann

In memoriam



Kirsten Herløv Balonyi Follmann. Mairiporã, s.d.
Acervo: Herløv Balonyi; Arqshoah/Leer-USP.

Kirsten Herløv Balonyi Follmann faleceu no dia 3 de novembro 2017, às 15 horas, em decorrência de falência múltipla. Podemos dizer que tanto Kirsten como seu pai August Osvald Herløv deixaram um importante legado para a humanidade e também para a sociedade brasileira. Suas trajetórias foram movidas por ensinamentos que, ainda hoje, contribuem para a construção de uma cultura de paz e de respeito ao outro. O nome de August Osvald Herløv, cuja história de vida está publicada no volume 1 da coleção *Vozes do Holocausto*, deve ser lembrado dentre aqueles que se opuseram ao nazismo e ao antissemitismo na Dinamarca ocupada pela Alemanha em 9 de abril de 1940, salvando milhares de judeus que corriam perigo de vida.

Kirsten, por sua vez, não apenas testemunhou os atos de resistência de August Osvald, como também se tornou a porta-voz da história do seu pai. Como ativista social, levou adiante um importante projeto social calcado no respeito à diversidade cultural, na necessidade de convivência e troca de experiências para a construção de um mundo melhor. Comprovou, através de seus atos de “eterna escoteira”, que o sucesso de toda a comunidade depende de gerar relações de

confiança, de reconhecimento mútuo, de intercâmbio e de cooperação. Segundo escreveu Eugenio Viktor Follmann:

A intenção de filantropia preencheu e deu sentido à vida de Kirsten desde que criou, em 1989, a *Associação Beneficente para Desenvolvimento Sócio Cultural Pedra Bela* com o intuito de melhorar as condições de vida dos coletores de batatas da região rural de Pedra Bela/SP, dando a eles a opção de uso de teares para produção e venda de tapeçarias através de ensino profissionalizante, e sobretudo evitando que as mulheres que faziam a colheita das batatas no campo levassem os seus filhos pequenos para os campos de cultivo, onde estavam constantemente expostos aos agrotóxicos. Conseguiu para esse fim ajuda da Dinamarca, Alemanha, Holanda, Noruega e Inglaterra e várias firmas brasileiras. Este projeto formou centenas de tecelões na região e enviou vários formandos para países europeus para aperfeiçoamento. A cidade de Pedra Bela tem hoje uma cooperativa de tecelões que comercializa os produtos em feiras e exposições, e aumentou muito o padrão de vida da comunidade local, graças ao empenho e dedicação de várias décadas da Kirsten. (Follmann, 6.11.2017)

Após a sua morte, a criação da Fundação Pedra Bela dá continuidade à sua obra com a mesma intenção filantrópica, sem fins lucrativos, estendida a múltiplos campos da pesquisa em ecologia, ciências exatas e humanas, de acordo com as diretivas gerais da filosofia de Rudolf Steiner. Criada pelos associados de Pedra Branca, essa instituição leva hoje o nome de Fundação Kirsten Herløv Balonyi, da qual participam Silsa e Joacir De Barros, Gisela Vasconcellos, Valter e Leila Valota, além dos representantes das famílias Balonyi, Candal e Follmann. Hoje, as peças de tecelagem produzidas pela Fundação Kirsten Herløv são vendidas para ajudar as comunidades artesãs da região. Tapetes murais estão expostos em um museu em Copenhague, na Dinamarca, e outros na Igreja Escandinava no Alto da Boa Vista, em S. Paulo, na rua Job Lane, ao lado da Escola Waldorf-Rudolf Steiner.